

Governo ironiza as propostas do PT

CESAR FELÍCIO E JANES ROCHA

BRASÍLIA – Os aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso receberam com ironias a proposta do PT de convocar o Congresso Nacional durante o recesso para se votar uma reforma tributária consensual, em 30 dias. A sugestão foi feita ontem por Guido Mantega, coordenador do programa econômico do candidato do PT à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva.

“Não existe consenso nem dentro da oposição. Há algumas semanas, o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, sugeriu que a equipe econômica do presidente fosse mantida por alguns meses em um possível governo petista. Ontem, os líderes do PT pediram a demissão imediata do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central. Há um descompasso do lado deles quando se discutem assuntos econômicos”, afirmou o coordenador político da campanha pela reeleição, Euclides Scalco.

Segundo Scalco, “votar a reforma tributária com urgência é uma proposta do próprio Fernando Henrique, que vai trabalhar para que ela tramite mais rapidamente ainda este ano. Isto é desejável e importante para o país. Mas não existe a expectativa de se obter consenso em uma questão tão complexa”.

O vice-presidente Marco Maciel e o ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, também defenderam a equipe econômica do governo. “Não damos importância a essas bobagens [proposta de demissão], como a população também não dá. E certamente quem está olhando de fora sabe a seriedade com que o governo trata das coisas. É lamentável que numa hora séria como essa se façam brincadeiras”, disse Carvalho. Maciel afirmou que os ministros “são competentes para conduzir essas dificuldades, que acontecem em todo o mundo. Em uma hora como essa é bom ter um comando como o do presidente”.

Caos – O senador Antônio Carlos Magalhães voltou a afirmar que um possível governo Lula seria um caos. Em entrevista ao quadro *Boa Tarde, Brasil*, do programa eleitoral de Fernando Henrique no horário gratuito da televisão, o presidente do Senado disse que hoje, em função da grave crise internacional, a situação seria ainda pior se Lula fosse o presidente.

“Quem não tem competência não pode dirigir o país numa época dessas”, afirmou Antônio Carlos Magalhães. Para ele, o problema não se restringe a Lula, mas às “idéias retrógradas que ele encarna”. E concluiu: “Mas, graças a Deus, estamos muito longe desse caos.”

Brasília – Gilberto Alves



Fernando Henrique quer apressar a tramitação da reforma tributária

REPERCUSSÃO

CARLOS IVAN SIMONSEN LEAL

vice-presidente da Fundação Getúlio Vargas

“Numa situação de crise internacional, é mais seguro prevenir com o acúmulo de mais reservas cambiais. O governo, ao facilitar a entrada de recursos externos, piora qualitativa das reservas em favor da quantidade. Já as medidas propostas pelo PT de levantar barreiras às importações não levam em conta a existência uma série de acordos internacionais. Essas restrições criariam novamente monopólios internos, alguns deles formados por oligopólios internacionais, em detrimento do consumidor. Propor reciprocidade em acordos internacionais é utopia. Basta lembrar que os EUA, o país mais forte do mundo, não consegue isso do Japão. E quanto a obter um consenso para aumentar impostos, antes de o governo cortar suas despesas, é incongruente. Nunca vai se conseguir consenso para aumentar a carga tributária”.

RAUL VELOSO

especialista em contas públicas

“A crise asiática não deverá interferir nas próximas eleições presidenciais. Os efeitos de um eventual agravamento da crise não chegaria aos bolsos dos consumidores até as eleições. As elevadas reservas cambiais permitem o governo empurrar a crise para depois das elei-

ções. Só haverá problemas para Fernando Henrique se o governo errar muito no combate à crise. Mas o governo já está escolado pela crise da Ásia em outubro passado”.

JOÃO PAULO DOS REIS VELLOSO

ex-ministro do Planejamento

“Qualquer que seja o governo, é muito difícil a adoção de medidas de emergência com caráter estrutural, num período pré-eleitoral. Não parece haver indicação, até o momento, de medidas a não ser aquelas que o governo o já está adotando em relação ao mercado de câmbio”.

MARCELO ALAIN

diretor do banco BMC

“A repercussão da crise financeira internacional no cenário político pré-eleitoral é muito pequena. É um debate muito sofisticado e distante para o eleitor médio, mas interessado em questões que mexem com sua vida real, como a inflação e o desemprego. Não dá para fazer uma avaliação precisa dos rumos que a crise pode tomar, mas no pé que ela está as medidas que o governo vem tomando dão conta do recado até as eleições, pelo menos. Depois, qualquer que seja o governo eleito, será preciso fazer um ajuste fiscal, a ser discutido com o Congresso”.